

Da România Nova à România Contínua: uma viagem através da Intercompreensão

*Tom Menezes**

É Bacharel em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco, com período sanduíche na Universidad del Salvador (Buenos Aires), sendo especialista em Direito do Trabalho pela Universidade Norte do Paraná. É, desde 2019, Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do ABC, no qual realiza pesquisas que envolvem a interface entre filosofia e cinema, confrontando a teórica existencialista Simone de Beauvoir e o cineasta espanhol Pedro Almodóvar. Profissionalmente, atua como Oficial de Justiça Avaliador Federal no Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região (São Paulo).

 <https://orcid.org/0000-0001-7489-368X>

Recebido em: 27 fev. 2021. **Aprovado** em: 17 abr. 2021.

Como citar este conto: MENEZES, Tom. Da România Nova à România Contínua: uma viagem através da Intercompreensão. *Revista Letras Raras*, Campina Grande, v. 10, n. 2, p. 291-299

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10116264>

Era uma quarta-feira de cinzas, 03 de fevereiro de 2017. Em Curitiba, uma tarde escura e chuvosa mantinha as pessoas resguardadas em suas casas. Paco, entediado, trocava mensagens com sua amiga Angela, que morava em João Pessoa, na Paraíba. Fazia muito tempo que não se viam. Ele era um brasileiro, descendente de espanhóis (apesar de nunca ter se interessado em aprender a língua de Sancho Panza), tinha 24 anos de idade e nunca morou fora da capital das Araucárias; e ela, uma francesa de 26 anos, filha de venezuelanos (tampouco aprendeu a língua dos pais), apaixonada pelas praias e pelo calor humano do Nordeste brasileiro. Sempre se comunicavam em português.

Conversa vai, conversa vem, e Angela, então, propõe a Paco:

- Por que não fazemos uma excursão pela Europa em julho?

*

 tomdireitounicap@yahoo.com.br

Paco, excitado com o convite, responde:

- Wow! Que ótima ideia. Já posso comprar as passagens?!

Angela, sorrindo, diz:

- Calma, precisamos decidir os nossos destinos. Bem, teremos que nos encontrar em São Paulo, bem no coração da România Nova¹. De lá, podemos ir diretamente a Lisboa e, em seguida, fazer um tour por toda a România Contínua².

De pronto, Paco topou, mas ficou receoso quanto às línguas faladas em alguns países. Logo, Angela tranquilizou-o quando lhe lembrou que, além do português, ela também falava *la langue de Molière*, e ele sabia o “basicão” do inglês.

Passados pouco mais de dez meses de espera e ansiedade, os dois – finalmente – encontram-se em São Paulo, no dia 18 de dezembro do mesmo ano. Depois de muitos abraços e um longo almoço, no aeroporto, com um papo fluindo no estilo “recordar é viver”, Angela e Paco preparam-se para o embarque. O roteiro de viagem programado pelos dois seria, então, o seguinte: sairiam do território brasileiro, com parada em Portugal. Em seguida, iriam à Espanha, à França, à Itália e, finalmente, à Romênia. Isto é, partiram da România Nova rumo à România contínua.

Ademais, lançaram, ainda, um desafio a si mesmos: o uso de dicionários de qualquer espécie estaria terminantemente proibido. A comunicação seria feita apenas através da intercompreensão, uma prática milenar em que cada interlocutor se comunica em sua língua ou em outra com a qual se sinta confortável.

Após cruzar o Oceano Pacífico, os entusiasmados viajantes aterrissam no país de José Saramago. No aeroporto lisboeta, Paco – com sede – diz a Angela que gostaria muito de tomar um suco antes de seguir para o hotel.

Dirigiram-se, assim, a um local de comida, onde Paco olhou o cardápio e, surpreso, afirmou que iria experimentar um “sumo natural de ananás”. “Sumo”, ele logo identificou do que

¹ A România Nova é o conjunto de países, nas Américas, onde línguas românicas são majoritariamente faladas.

² A România Contínua é a região onde se encontram os países europeus em cujos territórios predominam as línguas românicas.

se tratava, mas a tal fruta (ananás) – segundo ele – não existia no Brasil. Ao escutar o comentário de Paco, Angela deu risada e disse: “claro que há suco de ananás no Brasil”. Não sabia ele que ananás era simplesmente “abacaxi”. Indagou, então, como ela sabia disso. E ela prontamente respondeu: “ora, na França, abacaxi também se chama ‘ananás’”. “Mas não tem problema”, brinca Angela: “no Brasil, já te vi bebendo suco de abacaxi; em Portugal, vou ver-te a beber suco de ananás”. Assim, com uma leve ironia, ela chama a atenção para mais diferenças entre o português brasileiro e o de Portugal, como à que se refere à utilização do gerúndio, bem como à preferência portuguesa por ênclises em vez de próclises.

Nesse momento, os dois sentem uma espécie de epifania e têm uma miragem: veem diante deles um fantasma, mas não tinha nada a ver com estes de filmes de terror. Era um fantasmilha simpático, o qual se apresentou como Phantom, o mago da Intercompreensão. Com seu sorriso acolhedor, o Phantom aproveita o ensejo para, com sabedoria, explicar:

- A diversidade de *linguagem* presente na população contribui para a complexidade das diferentes falas, ou seja, esse sistema, chamado linguagem, necessita de variação.

Deste modo, baseado no “Curso de Linguística Geral”, de Ferdinand de Saussure, Phantom prossegue:

– Quando há distância entre emissor e receptor, podem haver ruídos na comunicação, e essa distância pode ser geográfica, temporal, mas também cultural. Por exemplo, ao derramar café em sua camisa, reagindo com um enfático “*putain!*”, um francófono de Lille, na França, poderia não imaginar que, há quilômetros de distância, um *paysan québécois* também estaria cometendo o mesmo ato falho e gritando “*tabarnak!*”, que – ao frigir dos ovos – é uma forma de expressar a mesma irritação.

O Phantom, todavia, faz uma ressalva, educando nossos viajantes:

- Mas atenção: não se refiram desta forma pejorativa a um habitante do Québec, não sejam glotofóbicos.

E enfatiza:

- Lembrem-se sempre que a língua é dinâmica e sofre variações.

Compreendendo a riqueza dessas variações e percebendo que não existe língua isolada, já que o intercuro obriga as pessoas a se comunicarem, Angela e Paco, imbuídos de espírito campanário, seguem viagem nesse *continuum*, e embarcam em direção à Madrid.

Sem saber falar espanhol, os dois até que se viraram bem. Angela, por saber duas línguas românicas, se virou ainda melhor que Paco. No segundo dia, no entanto, ao entrar em uma loja de roupas, Angela cumprimenta a atendente – um tipo exótico, estilo Rossy de Palma –, que estava com cara de poucos amigos, pois trabalhava em pleno feriado, *era el 06 de enero, día de Reyes y hacía un frío de cojones!* Angela, então, faz algumas perguntas, mas a vendedora, mal-humorada, faz caras e bocas, dizendo não entender. Angela, já um pouco irritada, depois de provar um vestido que, apesar de ter gostado, não coube, pede para que a vendedora traga tamanho M, já que o P não caiu bem. A vendedora, debochada, diz: “*Para qué quieres M si estás embarazada? Mejor te traigo G.*” Angela, com cara de tacho, entende apenas a palavra “embarçada”, mas não consegue encaixá-la no contexto.

Enquanto a vendedora vai buscar o outro vestido, o intrépido Phantom, reaparece e sussurra nos ouvidos de Paco: “tira a Angela daí, isso vai dar merda!”

Paco, então, puxa Angela pelo braço e, ao saírem da loja, o Phantom explica:

- Garotos, vou explicar o que houve nessa interação entre a Angela e a vendedora chata: a intercompreensão às vezes falha. Para que ela se dê, alguns conceitos operacionais fazem-se necessários: um deles é o *continuum* de línguas, que é a ideia fundadora do conceito de intercompreensão. Isso significa que toda língua pertence a uma família, como o português e o espanhol, que se insere na família das línguas latinas; um outro é a previsibilidade, que é dada pelo contexto e pela forma, apoiando-se na ideia de transferência de competências e conhecimentos prévios (linguísticos ou não).

“Até aí tudo bem, mas o que deu errado, Phantom?”, indagaram Paco e Angela.

Phantom, matreiro, responde:

- Faltou INTENCIONALIDADE. Isto é, a intercompreensão vai depender da atitude, do comportamento do locutor, já que são os (inter)locutores que viabilizam a compreensão plurilíngue, buscando compreender e se fazer compreender. Como? Falando lentamente, construindo frases simples e usando vocabulário transparente, por exemplo.

E sob os olhares curiosos de seus “pimpolhos”, continua:

- Na situação em questão, porém, não houve nem sombra de intencionalidade por parte da vendedora de roupas. Ao contrário, ela ainda utilizou um “falso amigo” para xingar a Angela, que logo disparou: “Estou PASSADA! E onde estava esse sujeito que eu não vi?!” “Calma, Angela”, ponderou Phantom: “o ‘falso amigo’ a que me refiro é o vocábulo *embarazada*, que – em português – significa grávida. Sabendo que você não entenderia, ela soltou um veneno para insinuar que você estava acima do peso. Mas não fique com tanta raiva, pois o tiro saiu pela culatra. No final das contas, ela ajudou vocês, sabe por quê?

Neste momento, Paco e Angela se entreolham com “cara de paisagem”. E Phantom prossegue:

- Os tais “falsos amigos”, quando se trata de intercompreensão, tornam-se verdadeiros amigos. Apesar de alegarem que os “falsos amigos” são um obstáculo para a aprendizagem em Língua Estrangeira, já que as abordagens contrastivas tentariam sistematizar dificuldades com base nos erros dos aprendentes (erros estes que derivariam de fenômenos de transferência, a temida “interferência”), os “falsos amigos” são poucos; o contexto desarticula sua pretensa ambiguidade; eles se denunciam a si mesmos; nenhum sujeito, ao se deparar com uma língua estrangeira, acredita piamente na transparência total das palavras (tanto é que Angela não entendeu o porquê de a vendedora utilizar uma palavra que, para ela, significava “confusa” ou “desorientada”, em português). Portanto, os “falsos amigos” podem ser os MELHORES amigos da Intercompreensão, porquanto: incitam uma negociação e uma interação em torno da língua; provocam o humor e a descontração; favorecem a reflexão sobre as línguas, em especial no que concerne à etimologia, fomentando a cultura linguística e a competência metalinguística dos interlocutores.

Percebendo o fascínio que aquelas informações estavam gerando em Paco e Angela, Phantom conclui:

- Por tudo isso, os “falsos amigos” têm seu papel na construção de uma consciência plurilíngue e intercultural, uma vez que deixam os sujeitos de sobreaviso no que se refere a possíveis falhas de comunicação. É por essas e outras que eu tenho certeza de que vocês nunca mais esquecerão o que significa essa palavra em espanhol, não é meninos? Pois mexeu com a dimensão afetiva dos dois.

Angela, então, satisfeita, sente-se vingada.

A passagem pela Espanha foi boa enquanto durou. Nossos pupilos embarcam rumo a nada mais, nada menos que Paris. Chegando à capital francesa, Angela se despede de Paco, pois decidiu visitar sua família na Meuse, no nordeste da França. E ficou de encontrá-lo no último dia para seguirem juntos a Itália. Paco, entretanto, ficou um pouco apreensivo, pois sua companheira de viagem deixou-o na mão justamente na França, onde Angela poderia ser uma guia perfeita, sem deixar Paco “em apuros”.

Os primeiros dias foram mais complicados, pois Paco estava acostumado com as zonas de transparência da língua espanhola, e o francês – a mais germânica entre as línguas românicas – parecia-lhe bem mais opaco. Mas ele falava inglês – a mais românica entre as línguas germânicas –, e isso o ajudou em alguns momentos, como no dia em que foi a um restaurante e, ao ler o cardápio, pediu um prato de *riz au poulet et carottes*, que interpretou, corretamente, como *rice with carrots*. Talvez ele não notasse essa zona de transparência caso apenas escutasse as palavras. A leitura o ajudou. Percebendo-o feliz, Phantom ressurgiu e diz:

- Parabéns, Paco! Você acaba de efetuar uma transferência interlinguística, isto é, você utilizou sua língua segunda, o inglês, que já faz parte do seu repertório linguístico, de forma receptiva, identificando, reconstruindo e recodificando a mensagem dada em francês.

Contudo, Paco seguia intrigado com a palavra *poulet*. Percebeu que faltava carne naquele prato, mas qual?! Lembrou que aprendeu a palavra *pollo*, bem parecida, quando comeu frango na Espanha; além disso, pelo aspecto, na foto, só podia ser mesmo de frango. “Na mosca!”, gritou Phantom, que mais uma vez felicita a perspicácia do nosso viajante e afirma:

- Você acabou de utilizar uma outra estratégia de intercompreensão: a inferência lexical do tipo indutiva. E o melhor: foi uma inferência lexical metacognitiva, porque houve esforço consciente no sentido de autorregular a compreensão. Você utilizou certos elementos do contexto a fim de criar pontes entre os hiatos, o que te permitiu acertar o que tem no prato. E olha: inferir não é uma prática simples, pois o sujeito precisa se livrar de hábitos do ensino tradicional, que não dão espaço para imprecisões e aproximações de sentidos.

Ao sair do restaurante, Paco, todo orgulhoso, procura um Carrefour para comprar vinho. Sentindo-se mais à vontade e ousado, sai indagando alguns incautos transeuntes que passavam.

As primeiras três senhoras diziam desconhecer esse lugar, apesar do aparente esforço em negociar na comunicação. Paco começou a desconfiar que estavam agindo de mau grado, com a mesma falta da tal da intencionalidade da vendedora espanhola de roupas, afinal como podem não conhecer o Carrefour?! Até que surge um jovem descolado a quem Paco pergunta, numa última tentativa. O rapaz, de início, estranhou, mas logo compreendeu o que Paco estava procurando e indicou o caminho. Phantom logo deu o ar da graça para que Paco não ficasse pensando mal das pobres velhinhas. Disse ele:

- Apesar de a palavra *carrefour* estar escrita da mesma forma em qualquer lugar do mundo, nem sempre a pronúncia é a mesma. Na França, *carrefour*, que significa “encruzilhada” em português, pronuncia-se “karfur”. Apesar da inequívoca transparência, não podemos dizer que as senhoras agiram com má vontade. O problema foi, sim, de intencionalidade, mas em outro aspecto. Existem dois tipos de locutores: os eruditos e os profanos. Os eruditos são aqueles que, por terem contato com outras línguas, conseguem perceber sua variedade; já os profanos têm uma concepção represada de sua língua, não percebendo o *continuum*. Ora, uma senhora idosa dificilmente teve grandes contatos interculturais ou com outras línguas, sendo mais difícil para ela identificar as variedades de um mesmo *continuum*; por outro lado, um jovem *millennial* está acostumado, desde cedo, a conviver com a multiculturalidade *parisienne* e do mundo digital.

No último dia em terras francesas, Paco encontra Angela, e os dois partem para a Itália. Na “bota”, a estadia foi tranquila, ambos já mais confiantes em suas interações, negociando a comunicação, e também mais tolerantes com os momentos em que há falhas ou quando a intercompreensão não atinge seu objetivo, o que faz parte do processo.

Em certa ocasião, fizeram amizade com um grupo de italianos de Torino, que também estava visitando Roma. Num dado momento, Luciano, um dos italianos, pergunta a Paco: “*Qual è il tuo lavoro?*” Paco, meio embaraçado – no sentido lusófono do termo –, cutuca Angela e pergunta: “o que é *lavoro*?” Angela pensa rapidamente e responde: “deve ser ‘trabalho!’” Ela estava certa e deixou Paco surpreso, sem entender. Mas Phantom é como o Mestre dos Magos da Intercompreensão, sempre aparece nessas horas e esclarece:

- Para que as transferências sejam executadas, é preciso que exista uma base de transferência, e essa base é a proximidade linguística, no caso das línguas aparentadas. Mas tal proximidade só será útil se o indivíduo a identificar. Isso escancara a falta de homogeneidade da

transparência, isto é, a percepção das analogias lexicais varia de um sujeito para outro por razões cognitivas (conhecimentos prévios, capacidade de ativar estratégias de antecipação, de controle) e socioafetivas (confiança em si, ansiedade, medo de errar). Portanto, nem todo lusófono vai perceber a transparência da palavra “*lavoro*”. Logo, é necessária uma transferência intralinguística, ou seja, conhecer o significado de palavras do português, como “*lavor*”, “*lavorar*” e “*lavoura*”, relacionando-as a “*trabalho*”.

É finalmente chegada a hora de viajar para o último destino dessa viagem: a misteriosa Romênia. Já em București, Angela e Paco aguardam o trem para Brașov, cidade aonde irão para fazer trilhas nas montanhas. Nesse ínterim, Paco começa a folhear um jornalzinho gratuito que o entregaram na estação. Numa das páginas, havia uma propaganda de uma sorveteria, na qual um garotinho fala: “*Îmi place înghețata de ciocolată*” (“Eu gosto de sorvete de chocolate”). E uma garotinha, ao lado dele, diz: “*Îmi plac înghețatele de căpșuni și vanilie*” (“Eu gosto de sorvetes de morango e de baunilha”).

Pelo contexto e pela imagem, Paco compreendeu que as crianças estavam expressando seus sabores preferidos de sorvete, e mostrou a Angela, que, num sorriso, parecia também haver entendido. As zonas de transparência estavam não apenas na imagem, que falava por si só, mas também nos termos *ciocolată* e *vanilie*. Indo mais a fundo na análise, Angela e Paco percebem a presença de duas palavras na segunda frase, separadas por *și*, o que leva a entender que se trata da conjunção aditiva “e”, em português.

Além disso, Paco apontou para um possível erro de digitação, posto que numa frase havia *place* e, na outra, *plac*. Angela, então, lembrou de situações que ambos passaram na Espanha e na Itália, quando descobriram que *Me gusta* virava *Me gustan*, a depender do que viesse depois, ou seja, o sujeito da oração era o que vinha após o verbo. O mesmo acontecia no italiano com *Mi piace* e *Mi piaciono*. Apesar de desconhecerem a gramática italiana e a espanhola, perceberam essa diferença em relação ao português e ao francês. E se deram conta de que o romeno possuía a mesma estrutura do italiano e do espanhol.

“Bingo!” – gritou Phantom. E prosseguiu:

- A viagem por esse *continuum* da família românica fez muito bem a vocês, suscitando reflexões explícitas sobre as línguas, isto é, já executam atividades metalinguísticas como

estratégia para a intercompreensão. Vocês conseguiram extrair regularidades de um conjunto de fatos de línguas aparentadas a fim de sobrepujar obstáculos linguísticos. Em outras palavras, vocês realizaram processos cognitivos de gestão consciente. O tempo da aprendizagem de línguas, aliás, é um tempo circular e em espiral (novos conhecimentos permitem revisitar e atualizar os conhecimentos adquiridos), viabilizando o desenvolvimento de uma Didática Integrada das línguas e das culturas.

Tudo que é bom dura pouco. É chegado o momento de retornar à base. Paco e Angela estavam satisfeitos com as trocas e as experiências vividas, as quais os fizeram desenvolver uma maior capacidade plurilíngue. Mas ainda havia um *je ne sais quoi* de desencanto no olhar dos dois. O nosso empático fantasma logo entendeu e, ao se despedir, já no aeroporto de Lisboa, deu seu último recado, assumindo o papel de *advocatus diaboli*:

- Tenham em mente que a intercompreensão é uma abordagem com inúmeros pontos positivos, mas, como tudo na vida, ela não é perfeita. Quando gostamos de uma língua, queremos estudá-la para poder utilizá-la. E a intercompreensão é frustrante no sentido de os sujeitos não poderem se expressar em uma língua estrangeira, que é um prazer que muitos desejam. É uma fonte inesgotável de satisfação poder evocar nosso pensamento num idioma que não é aquele que utilizamos habitualmente. A Intercompreensão é, outrossim, interessante quando o indivíduo não necessita de um grau mais elevado de fluência numa língua. Por isso, é sempre bom lembrar que a Intercompreensão não tem a pretensão de substituir metodologias consolidadas de aprendizagem de línguas, uma vez que ela se apresenta como um complemento a estas. A Intercompreensão, a propósito, é cada vez mais útil na medida em que nós nos tornamos conhecedores de novas línguas, pois chega um momento em que o cérebro não pode armazená-las indefinidamente. *Voilà! Je vous souhaite un bon retour! Ciao! Salut! Pa pa!*

Após se despedirem do Phantom, na fila do embarque de regresso ao Brasil, Angela e Paco fizeram uma promessa a si mesmos, consequência direta daquela experiência tão intensa e enriquecedora: estudar Letras para se tornar pesquisadora e pesquisador no âmbito do plurilinguismo e de suas abordagens plurais. Será que ainda os veremos lecionando na Universidade Federal da Paraíba e na Universidade Federal do Paraná? Isso deixaremos para um próximo conto.